

# Aplicações práticas de algumas teorias da Análise do Discurso

*Ida Lúcia Machado*

*(UFMG)*

Vou abordar alguns aspectos da Análise do Discurso (AD), mas enfatizando sua aplicação prática e imediata em sala de aula, na leitura e/ou interpretação de textos.

Peço, pois, de antemão aos “puristas” que me perdoem, já que a AD, em sua macro-acepção, é um processo de tratamento de uma determinada série de textos, processo aplicável em pesquisas que baseiam seus procedimentos analíticos e interpretativos em comparações, através das quais pretende-se chegar à melhor compreensão de discursos sociais divulgados por este ou por aquele meio de informação. Segundo a Teoria Semiolingüística (CHARAUDEAU, 1988) que, de modo geral, norteia nossas pesquisas, os atos de linguagem que usamos na vida em sociedade são todos “encenações” (no sentido teatral da palavra), encenações que resultam da combinação de uma determinada situação de comunicação, de uma determinada organização discursiva e de um determinado emprego de marcas lingüísticas. Assim a AD pressupõe que se faça uma descrição das características da situação “linguageira” e da organização discursiva, tomando como apoio as marcas lingüísticas que vão justamente funcionar como “pistas” que levarão o analista à situação onde foram concebidos os atos de linguagem e à organização discursiva dos mesmos. Um dos pontos fortes da Teoria Semiolingüística é, na minha opinião, o fato de se considerar o ato de linguagem como resultante de um “jogo”, ou seja: um jogo de constante equilíbrio e ajustamento entre as normas de um dado discurso e a margem de manobra que tal discurso permite, o que dá lugar à produção de estratégias.

Retomando, tentarei, nesta exposição, apresentar uma micro-acepção da AD voltada para nosso cotidiano da sala de aula; em outros termos, tentarei trabalhar com as marcas explícitas e implícitas da enumeração, insistindo que tal procedimento é, para nós, analistas de discursos, apenas uma etapa da análise. Esta etapa porém é passível de aplicação numa aula que tenha por objetivo a leitura crítica de um texto isolado.

Nesta exposição tentarei responder a duas questões:

1º) - Quais são as marcas de enunciação mais evidentes?

2º) - Qual o interesse em abordá-las, numa aula de língua/leitura?

Em seguida, colocarei a teoria em prática. através de rápida análise de parte de uma crônica de Luiz Fernando Veríssimo.

Vou então responder à primeira questão, simplificando bastante: são consideradas como “marcas da enunciação” os sinais ou índices que remetem o leitor ao momento da produção do texto e ao seu “fabricante”: tais marcas são reveladoras da subjetividade do sujeito enunciador. Elas estão presentes no jogo “eu X tu” (ou “Denunciador X destinatário”), assim como também na utilização de certos dêiticos (ou “indicadores”, que remetem ao referencial, ao lugar e ao momento da enunciação). Podemos também detectar tais marcas na modalização e orientação argumentativa, que podem ser notadas no uso de certos axiológicos ou no uso de certos conectores. As marcas enunciativas estão também presentes, em sua macroforma, nas relações que os enunciadores mantêm com seus interlocutores, com seus ditos e com o mundo transcrito em seus ditos.

Além disso tudo e sobretudo nos textos literários e paraliterários, deve-se dar especial atenção às marcas de enunciação que suscitam o *renvoi au référentiel* ou seja: a observação de determinados enunciados pode nos trazer informações preciosas sobre seu *scripteur* ou autor-implícito. Estou me referindo a enunciados tais como:

1) os que contêm provérbios ou citações;

2) os que mostram a presença (às vezes, bem dissimulada) do Discurso Indireto Livre (DIL);

3) os que fazem uso de certas figuras de retórica, tais como a ironia, a hipérbole, a metáfora...

Em resumo, todos os enunciados onde são evidenciadas a heterogeneidade do sujeito enunciador.

Passemos agora à segunda questão: “– Por que essa preocupação em ensinar ao aluno como identificar tais marcas, num curso de línguas (materna e/ou estrangeiras)?”

A resposta é simples: se os alunos souberem identificar as marcas enunciativas de um texto, estarão próximos das condições de produção e das dimensões pragmáticas deste texto o que, no mínimo, lhes proporcionará uma maior segurança (e uma menor extrapolação) em termos de produção do sentido.

Vou passar então à segunda parte da exposição, onde tentarei mostrar este “rastreamento” das marcas de enunciação, tomando por base parte de uma crônica de Veríssimo.

Cronista, em geral, é um misto de jornalista e romancista que transcreve certos fatos que testemunhou ou fingiu testemunhar, obedecendo a uma certa periodicidade. A crônica é um gênero híbrido, onde se encontram, às vezes, temas da história contemporânea ou remota, geralmente tratados com certo distanciamento ou desenvoltura mais freqüentemente, a crônica apresenta observações do cronista sobre a sociedade em que vive e sobre os seres (reais ou imaginários) que o rodeiam ou povoam sua imaginação. Para simplificar, podemos dizer que a crônica é uma espécie de “diário”, mas um “diário externo” que se opõe ao “diário intimista interno”.

Escolhi então parte de uma crônica intitulada *O dia da Amante* que já apareceu em jornais, no livro *O analista de Bagé* (1981) e agora volta no livro *Comédias da vida privada* (1994).

Para começar, num texto assim concebido, somos colocados diante de um eu que se dirige a um tu. Segundo a Teoria Semiolingüística, estas entidades são divisíveis: assim o eu compreende um eu exterior ao mundo contado, um sujeito-comunicante-psicossocial; é ele que cria o eu interno ao ato de linguagem, ou seja, o sujeito-falante (aquele que conta a história), simples ser de papel. Este eu desdobrado se dirige também a um tu duplo que, simplificando bastante, chamaremos de leitor ideal (interno ao texto) e leitor real (externo ao texto). Na junção destas duplas, colocarei, do lado do(s) eu(s), a entidade locutor e, do lado do(s) tu(s), a entidade interlocutor.

No texto em questão, a marca enunciativa mais visível do locutor está no uso do pronome “me”, na 5ª linha do texto: “...mas que no momento me escapa...”

Aliás, a presença do locutor como condutor do fio narrativo do texto já pode ser detectada na primeira linha do texto, onde lemos:

*Já existe dia de quase tudo. Ou quase todos.*

O uso repetido do “quase”, no presente caso, dirige a argumentação, pois indica que falta algo, ou o “dia de alguém”, já sugerido/imposto pelo título *O dia da Amante*. O leitor, mesmo sem se dar conta, é levado a tais conclusões. O “quase” do locutor é pois um operador argumentativo que leva o leitor para a conclusão visada pelo locutor.

Nas linhas 4 e 5 podemos notar um curioso amálgama de dêiticos (espaciais e temporais) e de termos com forte carga axiológica:

*Um americano, cujo nome até hoje é reverenciado onde quer que diretores lojistas se reúnam...*

Destaco então: “até hoje”, “onde quer que”, dêiticos referentes ao espaço/tempo e “reverenciado” (palavra que tem uma carga positiva). A exageração divulgada pelo uso dos dêiticos e pelo termo acima citado, mostra uma utilização da hipérbole que vai, por assim dizer, ajudar a definir a posição argumentativa do locutor: o exagero (positivo) com que é tratado o caso é forte demais para ser sincero; daí a ruptura efetuada pelo sintagma “diretores lojistas”. O criador do “Dia das Mães” não é louvado por doces mães agradecidas mas por gananciosos comerciantes. Em resumo, o enunciado começa positivo para acabar não-positivo. É uma estratégia própria à manipulação irônica: quebrar a expectativa do leitor.

No 1º parágrafo, temos uma narrativa que, em primeira instância, seria atribuída à voz do narrador. Porém, a partir da 6ª linha (até a 13ª) o fio narrativo parece ser “sugado” pelo pensamento do personagem-criador do Dia das Mães: o narrador dá a impressão de se afastar e de permitir a intervenção do personagem, que vai então manter uma espécie de diálogo (consigo mesmo ou com o narrador). Assim:

*“Fez isso pensando na própria mãe.”* (linha 6) = voz do narrador.

*Naquela mulher extraordinária que o carregara no ventre durante nove meses sem cobrar um tostão, que o amamentara, que o embalara em seu berço, costurara sua roupa, forçara óleo de rícino pela sua goela abaixo e uma vez, quando o descobrira dando banho no cachorro no panelão de sopa, quebrara uma colher de pau em sua cabeça. Sim, aquela*

*mulher que sacrificara por ele sem pedir nada de volta, mas que agora exigia uma mesada maior porque estava perdendo demais nos cavalos.* (linhas 6-13) = voz do personagem que dialoga com o narrador ou consigo mesmo.

É interessante notar, no parágrafo acima, a repetição do mesmo processo (passível de desencadear a ironia) já visto nas primeiras linhas do texto. Da linha 6 até a linha 8/9, o enunciado leva à uma conclusão positiva: a da mãe boa e dedicada. A partir da inclusão do conector “e” associado ao dêitico “uma vez” (linha 9), o enunciado passa a ser não-positivo: a mãe é violenta. Qual a conclusão pretendida pelo locutor? Ela aparece nas linhas 11-13, que dividiremos em duas partes:

1ª parte: “*Sim aquela mulher que se sacrificara por ele sem pedir nada de volta* ---- >leva a uma conclusão P, positiva;

2ª parte- “*mas que agora exigia uma mesada maior porque estava perdendo nos cavalos*--> leva a uma conclusão Não-P, não-positiva.

Note-se que a 2ª parte, introduzida pelo conector “*mas*”, tem uma força conclusiva maior; o “*mas*” anunciando um enunciado Não-P, no lugar de P (qualquer coisa do tipo: “...*mas que agora, velhinha, precisava de sua ajuda*”) indica, mais uma vez, a subversão da linguagem e a instalação da ironia. Em outras palavras a 2ª parte não “se casa” com a 1ª.

Outro fato curioso a ser observado, no mesmo “diálogo” acima, seria a inclusão da *vox populi*, da voz de outrem, Tal voz divulga fatos dos quais o personagem não pode se lembrar (vida intra-uterina, cuidados a ele dispensados quando recém-nascido).

Nas linhas 30 e 32 temos novamente a presença de um certo DIL ou diálogo interno do personagem.

As metáforas, por sua vez, ajudam a construir o estilo irônico da narrativa. Assim, a mãe:

“...é uma bruxa velha.” (linha 33)

é “instituição” (linha 41)

e, em geral, as mães são “mafiosas” (linhas 43-46).

Através da colocação de tais estratégias retóricas, o locutor consegue assim atacar o inatacável.

Há, no texto, um curioso caso de auto-referenciação. Trata-se do enunciado:

“Isto chocaria a todos,...” (linha 41)

que, numa primeira leitura, está bem inserido na trama que mantém o universo textual: o “*Isto*” referindo-se à possibilidade de alguém opor-se à criação do Dia das Mães. Seria chocante! Mas, numa segunda leitura, o “*Isto*” pode também estar se referindo à crônica em si, ao modo pelo qual, deliberadamente, o tema “*mãe*” será tratado. O “*Isto chocaria a todos*” denuncia a intenção implícita do escritor no momento da elaboração de sua escritura: chocar seus leitores, logo, seduzi-los...

Em seu livro *Grammaire du sens et de l'expression* (1992), Patrick Charaudeau fala dos quatro modos de organização discursiva que norteiam ou compõem os diferentes textos: o enunciativo, o descritivo, o narrativo e o argumentativo. Por questões de tempo, vamos considerar aqui apenas o primeiro modo, o enunciativo, que pode ser analisado a partir de três itens:

- 1º) a relação que o locutor mantém com seu dito (ou com seus enunciados);
- 2º) a relação do locutor com o discurso do “mundo”;
- 3º) a relação que o locutor mantém com seu interlocutor.

No texto analisado, a posição do locutor em relação aos seus ditos é inteiramente calcada na prática irônica, centrada num tema normalmente utilizado com ternura e/ou respeito. Aqui, os sagrados valores são propositalmente dessacralizados.

A relação do locutor com o discurso do mundo é, pois, baseada na subversão: subvertendo a linguagem, introduzindo surpresas enunciativas chocantes (vide, por exemplo, linhas 12-13), jogando com a sedução estilística própria ao uso de certas figuras retóricas, o locutor está, implicitamente, alterando a ordem do mundo: a mãe é tirana, jogadora inveterada, o filho, um ser sacrificado. Outro exemplo: Jesus não é somente o doce filho de Deus, os Apóstolos não são apenas os fiéis propagadores de sua palavra: no texto, todos tornam-se meros objetos de venda. Da simples ironia de uma história sustentada por seres de papel, criações do sujeito-comunicante, passa-se à crítica do social e de seus falsos valores.

Finalmente, vejamos a relação que o locutor mantém com seu interlocutor: ao empregar estratégias persuasivas irônicas, ao subverter valores, o locutor está, na verdade, cumprindo um “contrato” com seu leitor. Quem já conhece Veríssimo não espera que ele adote um tom “certinho”, “sério”, para tratar de assuntos do cotidiano, mas sim que derrube mitos, que faça rir. Em outras palavras, o locutor cumpre as regras deste contrato já a partir do título do livro: *Comédias da vida privada*, onde o termo “comédias” poderia ser traduzido por “Críticas”.

## Conclusão

Meu objetivo com esta exposição foi o de tentar reforçar a idéia de que a associação “teorias discursivas + textos paraliterários ou literários” é bastante útil já que afasta o perigo de interpretações um tanto quanto “impressionistas” do texto escrito, sem no entanto sufocar a percepção do leitor/estudante que se concentrará naquilo que tem diante dos olhos: o documento escrito, resultado final e concreto do encontro entre o lingüístico e o extra-lingüístico.

## O dia da amante

*Já existe dia de quase tudo. Ou quase todos. Começou com o Dia das Mães. Um americano, cujo nome até hoje é reverenciado onde quer que diretores lojistas se reúnam, mas que no momento me escapa, foi o inventor do Dia das Mães. Fez isso pensando na própria mãe. Naquela mulher extraordinária que o carregara no ventre nove meses sem cobrar um tostão, que o amamentara, que o embalara no seu berço, costurara sua roupa, forçara óleo de rícino pela sua goela abaixo e uma vez, quando o descobrira dando banho no cachorro no panelão de sopa, quebrara uma colher de pau na sua cabeça. Sim, aquela mulher que se sacrificara por ele sem pedir nada de volta, mas que agora exigia uma mesada maior porque estava perdendo demais nos cavalos. De nada adiantara seu protesto.*

– Não posso, mamãe. Os negócios não vão bem.

– Não interessa.

– Nós só ganhamos dinheiro mesmo no Natal. No resto do ano...

*E então o rosto dele se iluminou. Tivera uma idéia. A mãe não entendeu e espalhou para os seus amigos no hipódromo que o filho finalmente perdera o juízo que tinha. Mas a idéia era brilhante. Ele a apresentou numa reunião de varejistas naquele mesmo dia.*

*– Precisamos criar dois, três, muitos Natais!*

*– Espera aí – disse alguém – Mas só houve um Jesus Cristo.*

*– E os apóstolos? São doze apóstolos. Cada um também não tinha o seu aniversário?*

*– Mas ninguém sabe o dia.*

*– Melhor ainda. Inventaremos, todo mês, o aniversário de um apóstolo. Teremos natais o ano inteiro!*

*Mas a idéia não agradou. Apóstolo não tinha o apelo de venda de um Jesus Cristo. Mesmo assim, a idéia de criar outras datas para os fregueses se darem presentes era boa. Era preciso motivar as pessoas. Era preciso forçar as vendas. Era preciso ganhar mais dinheiro. Nem que fosse para a mãe perder nos cavalos.*

*– Aquela bruxa velha – murmurou ele.*

*– O que foi?*

*– Estava pensando na mãe.*

*– A mãe! É isso!*

*– O quê?*

*– A mãe! O Dia das Mães. Você é um gênio.*

*Foi um sucesso. Ninguém podia chamar aquilo de oportunismo comercial, pois ser contra o Dia das Mães equivaleria a ser contra a Mãe como instituição. Isto chocaria a todos, principalmente às mães. Que, como se sabe, formam uma irmandade fechada com ramificações internacionais. Como a Máfia. As mães também oferecem proteção e ameaçam os que se rebelam contra elas com punições terríveis que vão da castração simbólica à chantagem sentimental. Pior que a Máfia, que só joga as pessoas no rio com um pouco de cimento em volta.*

*(VERÍSSIMO, Luiz Fernando. Comédia da vida privada. Porto Alegre, L&M. P. Editores, p. 15-16)*